

PENSAMENTO COMPLEXO E A RELAÇÃO SUJEITO OBJETO

Joselito Santos¹, Tatiana Cristina Vasconcelos², Vânia de Vasconcelos Gico³

¹Mestrando em Ciências Sociais pela UFRN. Docente da Faculdade Santa Maria. Av. Pres. Washington Luiz, 164, Bessa, 58035-340, João Pessoa – PB. jslito@yahoo.com.br

²Mestre em Psicologia Social. Docente da Faculdade Santa Maria. vasconcelostc@yahoo.com.br

³Orientadora. Doutora. Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. gico@digi.com.br

Resumo: O desenvolvimento científico está circunscrito em contextos sociais, políticos e econômicos complexos que remetem à necessidade da reflexão sobre a origem de seus interesses e de suas motivações. Sua dinâmica compreende o conhecimento e transformação do mundo, e corresponde à construção do objeto de pesquisa de seu interesse, que ocorre sob a máxima do pensamento científico moderno: a separação do sujeito e do objeto, que são operados em dimensões distintas. Sobre essa relação disjuntiva se estrutura este trabalho, cujo objetivo é refletir sobre a noção de inseparabilidade entre sujeito e objeto, contextualizando-a em contraponto à idéia de separação que cindiu a própria noção da existência humana. Conclui-se que a inclusão significa permitir a dúvida, o incerto e as contradições. Compreende permitir-se e permitir uma chance ao pensar de novo, de nova forma em um território cujos indivíduos não se superpõem em verdades findas, mais em contextos compartilhados de ação e de interação.

Palavras-chave: Pensamento complexo; Sujeito; Objeto.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

O desenvolvimento científico significa escolha, construção e produção do conhecimento. Sua dinâmica envolve contextos sociais, políticos e econômicos complexos que remetem à necessidade da reflexão sobre a origem de seus interesses e de suas motivações, bem como a indagar quais são os indivíduos envolvidos e os beneficiados, e de que modo estão ou são inseridos nesse processo dinâmico.

Através desse processo, os homens do universo da ciência precisam representar o mundo, conceituá-lo, teorizá-lo. Sua práxis é a pesquisa, seus cenário e laboratório são o universo e todas as manifestações de vida. Suas possibilidades são infinitas e seu olhar fragmentado e dissipativo. Seu conhecer e transformar o mundo também compreende a construção do objeto de pesquisa de seu interesse, que muito se define no pensamento científico moderno: a separação do sujeito e do objeto, que são operados em dimensões distintas.

Sobre essa relação disjuntiva que se estrutura este trabalho, cujo objetivo é refletir sobre a noção de inseparabilidade entre sujeito e objeto, contrapondo-a à idéia de separação que cindiu a própria noção da existência humana.

Método e posicionamento teórico

Nossas orientações teóricas aportam-se no pensamento complexo da obra de Edgar Morin. Suas proposições sobre o método representam

um grande esforço intelectual e reflexivo sobre a natureza humana, e que anuncia a necessidade de se repensar a construção do conhecimento (MORIN, 2003; 2001; 1986) através de um pensamento integrador (MORIN, 2000).

Sua crítica sobre a produção científica moderna compreende um arcabouço teórico que se lança sobre a relação entre homem, sociedade e natureza, bem como entre sujeito e objeto.

A compreensão de um mundo auto-organizado e co-dependente reporta à necessidade de um saber construído através de um conjunto de interrelações. Direciona a entender que a complexidade dos dilemas contemporâneos suscita o debate em torno da relação entre os homens, a sociedade e a produção científica.

No campo do conhecimento, antes de ser uma prática e ofício, a pesquisa deve ser uma instância de reflexão, de modo a permitir a compreensão dos interesses, das circunstâncias e das trajetórias do sujeito e do objeto, ou dos pesquisadores e da pesquisa.

Reflexões sobre o sujeito e o objeto

Quando decidimos realizar um estudo o que queremos pesquisar é algum fenômeno que despertou a nossa atenção, em função de seu interesse intrínseco ou de sua relevância social ou acadêmica. Uma vez escolhido um fenômeno para pesquisar, o objeto não fica com isso automaticamente estabelecido. A passagem da apreensão intuitiva da existência de um fenômeno para a prática de investigação envolve uma

transformação, que é a construção do objeto de pesquisa (SÁ, 1998).

A noção de construção do objeto de pesquisa envolve a consideração do fenômeno ou problema que se quer investigar e a possibilidade ou vantagem de fazê-lo, os requisitos conceituais que devem ser atendidos para suprir uma fundamentação teórica adequada e a eleição de métodos e técnicas de pesquisa adequados ao estudo do problema. O objeto de pesquisa é construído a partir do fenômeno a ser estudado e é uma aproximação deste pelas possibilidades e limitações da prática da pesquisa científica, delimita os aspectos do fenômeno que podem ou que valem a pena ser pesquisados e os incorpora em uma visão condicionada pela perspectiva teórico-conceitual assumida (SÁ, 1998).

Assim, o fenômeno é transformado e é submetido a considerações quanto à viabilidade metodológica e à disponibilidade ou desenvolvimento de técnicas adequadas ao seu estudo. Porém, enfatiza-se que para se iniciar no campo do estudo é preciso se preocupar de antemão com a própria plausibilidade da sua existência como fenômeno concreto e com a possibilidade de sua abordagem segundo uma teoria e recursos metodológicos disponíveis (SÁ, 1998).

Na percepção do autor, esta observação é orientadora porque o objeto assim construído não é uma mera construção, é parte de um processo que irá orientar a proposição de perguntas ao domínio empírico, a organização dos dados que essas perguntas irão gerar e a transformação final destes dados em resultados de pesquisa.

Afora essa percepção, também se distingue que pesquisa é mais que um procedimento, que um modo operacional. Ela é um percurso denso e complexo, cujo objetivo não visa apenas um fim. Antes disso, pressupõe um começo, no sentido de um ponto de partida que orienta a escolha de investigação, que diz respeito aos interesses humanos, quaisquer que sejam seus objetivos ou resultados, em maior ou menor escala.

Para esse percurso teórico, o pensamento de Morin serve-nos de reflexões, também de guia e ajuda-nos a compreender a relação dialógica necessária entre o sujeito e o objeto, levando-nos à idéia de “humildade” como característica e postura do estudioso em seu campo, sem apontar ou aporta-se na supervalorização dos “ismos”. Morin nos esclarece

Assim, com a teoria da auto-organização e da complexidade, abordamos os substratos comuns à biologia, à antropologia, fora de qualquer biologismo e de qualquer antropologismo. Eles permitem-nos ao mesmo tempo situar os níveis de complexidade diferentes onde se encontram os seres vivos,

incluindo o nível da mais alta complexidade e por vezes a hipercomplexidade própria do fenômeno antropológico (MORIN, 1991: 45-46).

Para Morin, uma teoria com tal dimensão possibilita revelar a relação do universo físico e o universo biológico, bem como assegurar “a comunicação entre todas as partes do que nomeamos o real” (MORIN, 1991: 46).

As noções de física e de biologia não devem ser reificadas. As fronteiras do mapa não existem *no* território mas *sobre* o território, com arames farpados e os fiscais da alfândega. Se o conceito de física se alargar, se complexificar, então tudo é físico. Digo que, enquanto a biologia, a sociologia, a antropologia são ramos particulares da física; do mesmo modo, se o conceito de biologia se alargar, se complexificar, então, tudo o que é sociológico e antropológico, é biológico. A física como a biologia deixam de ser redutoras, simplificadoras e tornam-se fundamentais. Isto é quase incompreensível, quando se está no paradigma disciplinar onde física, biologia, antropologia são *coisas* distintas, separadas, não comunicantes (MORIN, 1991: 46. Grifos do autor).

Trata-se de “uma abertura teórica”, também de uma “teoria aberta”, que carecem de esforços humanos para serem elaboradas. De tal forma emerge essa possibilidade que ela permite a emergência no próprio campo do pesquisador “do que tinha sido rejeitado fora da ciência: o mundo e sujeito”. Sujeito e mundo emergem simultaneamente.

Emerge desde o ponto de partida sistêmico e cibernético, lá onde um certo número de traços próprios aos sujeitos humanos (finalidade, programa, comunicação, etc.) estão incluídos no objeto-máquina. Emerge, sobretudo a partir da auto-organização, onde a autonomia, individualidade, complexidade, incerteza, ambigüidade se tornam quase caracteres próprios do objeto. Onde, sobretudo, o termo “auto” traz nele a raiz da subjetividade (MORIN, 1991: 47).

Ao colocar essa emersão, Morin vai além da simplificação que objetiva o mundo e o objeto e rompe com fronteiras cristalizadas pelo conhecimento positivo e fracionário.

Desde então, pode conceber-se, sem que haja um fosso epistêmico intransponível, que a auto-referência conduza a consciência de si, que a reflexividade conduza à reflexão, em resumo que apareçam “sistemas” dotados de uma tão

alta capacidade de auto-organização que produzam uma misteriosa qualidade de consciência de si (MORIN, 1991: 47).

O sujeito emerge ainda nos seus caracteres existenciais. O sujeito e sua individualidade irredutível, a sua suficiência. Ele como abertura, ruptura, dissipação, morte, além. Desse modo, Morin supõe o mundo e reconhece o sujeito e coloca-os de maneira recíproca e inseparável, porque ele acredita que o mundo só pode aparecer como horizonte de um eco-sistema de eco-sistema, da *physis*, “para um sujeito pensante, último desenvolvimento da complexidade auto-organizadora”. Esse sujeito surgiu de um processo físico pelo qual se desenvolveu em “mil etapas, sempre condicionado por um eco-sistema tornando-se cada vez mais rico e vasto, o fenômeno da auto-organização”. Na visão de Morin, “o sujeito e objeto surgem como divergências últimas inseparáveis da relação sistema auto-organizador/eco-sistema” (MORIN, 1991: 48).

Dito isso ele quer comunicar, em analogia, que o sistemismo e a cibernética podem ser o “primeiro andar de uma foguetão que permite a largada de um segundo andar”, que é a teoria da auto-organização, que se acende a nível epistemológico, que é um terceiro patamar, o das relações entre o sujeito e o objeto.

Tratar desse horizonte também é trazer à tona a própria construção de ciência no mundo ocidental e sua formulação da idéia separativa de sujeito e objeto, ou da independência dos objetos que existiriam por si, assumindo uma exclusividade de existência, sendo plausível das observações, experimentações e inferências. Morin problematiza essa condição e afirma que se trata da chegada ao ponto crucial dos planos físico e metafísico, colocados em oposição simultânea desde o século XVII.

Ao focar a eliminação positivista do sujeito e do objeto, Morin também problematiza a idéia de um universo de acontecimentos objetivos, isento de valores e subjetivismos, por razão do método de experimentação e procedimentos de verificação. Essa conformação permitiu a fixação e desenvolvimento da ciência moderna e coloca ao sujeito um papel secundário, porque é preciso eliminar o sujeito, quer seja como erro, perturbação, deformação, erro para que seja possível conhecer objetivamente.

Asseverando criticamente sobre essa condição ocidental, Morin irá refletir que o sujeito excluído do código objetivo da ciência é aquele que irá residir na moral, na metafísica, na ideologia. Do ponto de vista ideológico como base para o humanismo, a “religião do homem considerado como sujeito reinante ou devendo reinar num mundo de objetos” como possuidor, manipulador e

transformador. Na moral, como fonte necessária a qualquer ética e no plano metafísico como instância inicial ou final “que reenvia o objeto como um fantasma branco ou, melhor, um lamentável espelho de estruturas do nosso entendimento” (MORIN, 1991: 49).

De todos os lados, honrosa ou vergonhosamente, implícita ou abertamente, o sujeito foi transcendentalizado. [...] Rei do universo, anfitrião do universo, o sujeito espraia-se portanto no reino não ocupado pela ciência. À eliminação positivista do sujeito, responde, no outro pólo, à eliminação metafísica do objeto; o mundo objetivo dissolve-se no sujeito que o pensa.

A dualidade cartesiana expõe sujeito e objeto de forma disjunta, repulsiva e de anulação recíproca. Morin pondera que estes termos disjuntivos/repulsivos anulando-se mutuamente são simultaneamente inseparáveis. A face não revelada pelo objeto reenvia para o sujeito e a parte não revelada pelo sujeito reenvia para o objeto. Também reitera que o objeto só existe em relação ao sujeito e que só existe sujeito em relação ao objeto, e que a idéia de universo meramente objetivo não se abre ao sujeito, ao meio e ao além.

Na verdade, Morin trata da existência de um duplo, para o reflexo ou reflexividade, considerando flutuações e incertezas, aproximação e afastamentos, nunca a supremacia exacerbada de um termo por outro. O homem deve ao mesmo tempo reconhece-se como sujeito e objeto, porque ambos co-existem em função do outro nunca por eliminação ou recusa. Para Morin, também trata-se de um paradoxo, mesmo que sujeito e objeto sejam indissociáveis nosso modo de pensar exclui um pelo outro. Essa reflexão indica que a forma de pensar é uma outra questão a ser enfrentada, por dizer respeito às formas como pensamos e conseqüentemente agimos sobre o mundo. Cremos que ele indica um caminho também reflexivo no sentido do pensar/agir/pensar, o homem como ser no mundo subjetivado e objetivo simultaneamente. Como bem observa Morin,

Na medida em que se valoriza o objeto, valoriza-se por isso o determinismo. Mas se se valoriza o sujeito, então a indeterminação torna-se riqueza, destruição da possibilidade, liberdade! E assim toma rosto o paradigma chave do Ocidente: o objeto é o cognoscível, o determinável, o isolável, e conseqüentemente o manipulável. Detém a verdade objetiva e neste caso ele é *tudo* para a ciência, mas manipulado pela técnica, não é *nada*. O sujeito é o desconhecido, desconhecido porque

indeterminado, porque espelho, porque estranho, porque totalidade. Assim na ciência do Ocidente, o sujeito é o *tudo-nada*; nada existe sem ele, mas tudo o exclui; é como um suporte de toda a verdade, mas ao mesmo tempo é apenas “ruído” e erro diante do objeto (MORIN, 1991: 52. Grifos do autor).

Morin propõe um sistema aberto que permita uma (re)conciliação dos termos que operam em separado, ao passo em que nossa trilha terrena reclama reconhecer outras possibilidades. Para tanto, enfatizará que nosso caminho foi construído pela microfísica, através da qual o sujeito e objeto se tornam relacionados, embora permanecem incongruentes, e pela cibernética e pelo conceito de auto-organização. Ao seu ver, já escaparíamos do determinismo/acaso porque o sistema auto-organizador precisa de determinação e de acaso para sua auto-determinação, bem como da disjunção e da anulação do sujeito e do objeto, por partida do conceito de sistema aberto, que elementarmente significa a presença do meio, que é a interdependência sistema eco-sistema.

De outro modo, pode-se dizer que nessa noção ampliada, interdependente e interrelacional implica níveis complexos de compreensão do ser cognoscente e do objeto cognoscível, termos que são de fundamental importância para teoria Moriniana.

Se parto do sistema auto-eco-organizador e remonto, de complexidade em complexidade, chego finalmente a um sujeito reflexivo que não é outro senão eu próprio que tenho de pensar a relação sujeito-objeto. E inversamente se parto deste sujeito reflexivo para encontrar o seu fundamento ou pelo menos a sua origem, encontro a minha sociedade, a história desta sociedade na evolução da humanidade, o homem auto-eco-organizador (MORIN, 1991: 53).

O homem remetido a sua origem, não é senão um homem remetido a si mesmo, sem destituir-se do outro, porque este também contém aquele e está também nele contido.

Considerações finais

As proposições do pensamento complexo estendem-se para além da dimensão superficial do mundo objetivo e racional e se adensam ao provocar-nos à reflexão sobre o espírito humano e sua construção de mundo e de ciência.

Compreende-se que, ao tratarmos da produção do conhecimento, referirmos também à própria evolução da humanidade, à concepção de homem e de sua origem. O homem como um hiper-complexo, porque circunscrito e mergulhado

em si e no outro, nas dimensões auto, eco e organizadora que se solidarizam e se refazem em seu entorno mutuamente, rejeitando a excludência e aceitando as flutuações e incertezas.

O incluir significa permitir ou estar aberto a dúvida e ao incerto, também às contradições que se operam sistematicamente, a todo tempo. Compreende permitir-se e permitir uma chance ao pensar de novo, de nova forma em um território cujos indivíduos não se superpõem em verdades findas, mais em contextos compartilhados de ação e de interação.

Referências

MORIN, Edgard. Os setes saberes necessários à educação do futuro. 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____. A religação dos saberes: o desafio do século XXVI. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

_____. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____. O método 3 – o conhecimento do conhecimento. Portugal: Europa-América, 1986.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.